

resultantes de fatores reais, da situação econômica, da luta das massas.

É um erro pensar que o totalitarismo nos fecha o caminho da luta. É um erro pensar que o totalitarismo veda às massas o caminho da luta pelas conquistas democráticas. É um erro. É exatamente sobre este terreno que o fascismo tenta nos colocar. Ele tenta nos fazer crer que tudo está concluído, que se ingressou num novo período, no qual nada mais resta a fazer senão colocar-se em seu terreno.

A menor concessão a este ponto de vista deve ser vigorosamente combatida. Todo desenvolvimento da luta das massas reabre o problema da ditadura fascista. Bastaria multiplicar os movimentos de massa que hoje se verificam para provocar novas modificações nesta ditadura. A cada impulso das massas há uma tendência do fascismo em modificar a própria fachada. Já vimos isto.

A concepção de fascismo que venho ilustrando deve estar na base de toda a nossa política. É apenas sobre a base de uma tal concepção que se pode determinar uma justa linha política.

O totalitarismo não fecha ao partido o caminho da luta, mas abre caminhos novos.

Erramos nós, que nem sempre conseguimos compreender rapidamente os novos caminhos que o fascismo nos abre para a luta.

Este é um defeito de análise e de incapacidade política. Mas, na medida em que o partido consegue compreender isto, consegue colocar em discussão o problema da ditadura fascista.

Creio que não será fácil os companheiros compreenderem bem o que pode ser, o que significa hoje a existência, na situação italiana, do Partido Fascista, se não levarem em conta as exposições que fiz antes e especialmente o que eu disse da situação antes da chegada do fascismo ao poder e mesmo antes da guerra, no que se refere à organização política das forças da burguesia.

A burguesia jamais possuíra uma forte organização política unificada, jamais tivera uma organização sob a forma de um partido. Esta é uma das características da situação italiana de antes da guerra. Vocês não encontram, antes da guerra, uma organização política burguesa que tenha o nome e o caráter de um partido político no sentido de uma organização nacional, centralizada, ligada às massas e com um programa e uma linha de ação determinados e uniformes para toda a extensão do país. Façam um esforço para encontrar uma tal organização. Será inútil, vocês não a encontrarão.

Esse fenômeno político é uma conseqüência direta da estrutura da economia italiana. Essa fraqueza política é uma conseqüência do fato de que a grande indústria, embora sendo de certo ponto de vista predominante, ainda não está à altura de regular toda a vida econômica da nação. Na economia italiana, a agricultura tem ainda um peso muito grande e as camadas intermediárias, extremamente numerosas, que desempenham um grande papel, têm um peso considerável.

Por mais que procurem, não encontrarão na Itália uma situação como a que podem encontrar, por exemplo, na Inglaterra, onde existem dois partidos típicos, o liberal e o conservador, que têm um caráter de solidez, possuem um programa, têm uma linha política aplicada em escala nacional, têm uma disciplina e se revezam no poder. Na Itália não há nada disso.

Há, ao contrário, na Itália, toda uma série de partidos e de grupos políticos que não conseguem assumir uma fisionomia de par-

tido nacional de toda uma corrente da burguesia. O parlamento de antes da guerra era composto de representantes de uma grande quantidade de partidos e de grupos.

Mas se procurarem a solidez política e a solidez de organização desses partidos e desses grupos, chegarão às mesmas conclusões: as linhas de demarcação não são claras, são vagas: à medida que nos encaminhamos para grupos mais amplos, desaparece o caráter de partido. O grupo mais numeroso é o giolittiano. Mas não é tampouco um partido político. Cada deputado é eleito em sua própria localidade por um grupo que, como organização, não ultrapassa a própria região. Em Turim, por exemplo, temos a União Liberal Monárquica. Esses agrupamentos não oferecem condições para permitir a formação de um partido firmemente organizado.

Vocês encontram, ao contrário, algo de diferente, indo para a esquerda, indo para as organizações que congregam as massas trabalhadoras. Aí vocês encontram o partido.

O partido burguês mais sólido da Câmara de antes da guerra era o Partido Radical. Por que? Porque suas bases devem ser procuradas nas massas trabalhadoras do Norte. O Partido Radical é um partido nascido no mesmo terreno que o Partido Socialista e que depois se desviou para a linha da democracia burguesa. Mas o período de sua formação é caracterizado pela luta das frações do proletariado e por isso já adquire fisionomia de partido.

O único partido de antes da guerra, o único verdadeiro partido, é o Partido Socialista. O Partido Socialista era o único partido que podia apresentar nas eleições o mesmo candidato em Milão e em Cagliari. Mas a apresentação do mesmo candidato liberal em Turim, por exemplo, e em Bari, teria sido inconcebível.

Naquele momento, o bloco das forças da burguesia se realiza através de toda uma série de compromissos parlamentares e extra-parlamentares. É o caso, por exemplo, do período que vai de 1890 a 1898 e do período giolittiano.

Vocês encontram, ademais, uma diferença muito acentuada entre os grupos da burguesia do Norte e do Sul. No Norte vocês encontram grupos políticos bastante amplos. Vocês encontram a tendência à formação de um partido liberal, o problema da unificação das forças burguesas já se coloca, ele é discutido na imprensa, mesmo se naquele momento não é resolvido.

Agora desçam para o Sul. Nem isso vocês encontram. A organização da burguesia é aí ainda mais dividida à base dos interesses locais e até mesmo pessoais. O Partido Radical, o Partido Socialista, o Partido Republicano (que, como veremos, não é mais um partido no sentido verdadeiro da palavra, mas um resíduo, sem caráter nacional, com bases apenas em certas localidades)

assumem no Sul uma feição local bem acentuada. Vejam, por exemplo, o Partido Socialista, que, em Nápoles, tem uma história diferente da que ele tem em outras regiões da Itália. Sob certos pontos de vista, ele se aproxima das outras organizações burguesas. Essa aproximação se manifesta nas lutas de grupos, nas intrigas pessoais, etc. A mesma coisa se dá na Sicília: o separatismo (*dissidentismo*) assume aí uma forma particular, até chegar à formação de um partido. O Partido Reformista "siciliano", quando da cisão dos reformistas de Reggio Emilia, tinha certas formações de base que se destacaram, vivendo um certo tempo como organizações separadas, em Messina, Catania, etc.

A burguesia italiana tinha uma organização política unificada, que todavia não era um partido político: a maçonaria. Antes da guerra, a maçonaria era a única organização política unitária da burguesia. Ela desempenhou um papel de primeira ordem, não somente na luta pela libertação nacional da Itália, mas também no processo de unificação dos diversos grupos da burguesia italiana e na consolidação da influência da grande burguesia sobre as camadas da pequena e da média burguesia.

Não existem, ao que eu saiba, cifras sobre a composição da maçonaria de então, mas, se existissem, indicariam uma grande porcentagem de pequenos burgueses e de funcionários. Observem isto, pois vocês encontrarão as mesmas características no Partido Nacional Fascista. Essa pequena burguesia entrava na maçonaria como numa organização que defendia seus interesses, numa sociedade na qual a legalidade não era uma coisa definitiva e na qual a ruptura dessa legalidade era freqüente, fosse do lado do governo, fosse de outro lado. Era uma espécie de sociedade de ajuda mútua. Os funcionários ingressavam nela para fazer carreira e alguns deles tornavam-se grandes dignatários. Mas na maçonaria existiam também proprietários rurais, existiam industriais. Ela representava então, na sociedade italiana de antes da guerra, para a burguesia, a organização com a ossatura política mais extensa e mais unitária.

No pós-guerra apresentam-se na cena política dois grandes partidos: o Partido Socialista, que já existia antes da guerra e que já alguns meses antes de seu início rompera claramente os laços com a burguesia (de fato, o rompimento com a maçonaria se dá poucos meses antes da guerra), partido autônomo, independente, com um caráter de classe e estendido por toda a Itália. Ao mesmo tempo temos o Partido Popular.

O Partido Popular é um fenômeno novo na sociedade italiana, na medida em que ele representa a organização, o partido político, das camadas da pequena burguesia urbana e da pequena burguesia rural, dos camponeses, de camadas que até então haviam formado

a base de todos os partidos políticos. Com efeito, até então todos os partidos tinham assentado suas bases nessas camadas da pequena burguesia urbana e rural.

O Partido Popular, com um programa preciso, organiza-se de maneira autônoma, em bases confessionais. Nas intenções da Igreja Católica o Partido Popular devia ser — e realmente foi — uma organização visando frear o progresso do Partido Socialista. Este objetivo foi atingido. Mas, ao mesmo tempo ele tendia a romper, e em parte rompia, os limites tradicionais da burguesia italiana. E este fenômeno é um dos que acentuarão a crise do após-guerra.

O problema que se coloca então para a burguesia é o de criar uma verdadeira organização autônoma.

O Partido Fascista, em sua origem, não se propõe esta tarefa. Ele a aceita e a resolve durante a luta contra os operários, através da instauração da ditadura das camadas mais reacionárias da burguesia e durante a luta pelo reforço dessa ditadura.

Já vimos o que foi o Partido Fascista em sua origem.

Tomemos o Partido Fascista no primeiro período de sua existência, antes que ele chegue ao poder e imediatamente após. Existe uma estatística dos filiados ao Partido Fascista no tempo do III Congresso, o Congresso de Roma, do Augusteo. Essa estatística se refere a 151.000 membros. Era o número de inscritos no partido. Dentre eles, segundo a estatística, 14.000 eram comerciantes (cabe notar que sob o qualificativo de comerciantes passavam todas as espécies de pessoas, entre outras os ricos), 4.000 industriais, 18.000 proprietários agrários, 21.000 estudantes e professores, 10.000 membros de profissões liberais, 7.000 funcionários públicos, 15.000 empregados, 25.000 operários e marinheiros, 27.000 trabalhadores agrícolas.

Se vocês observam essas cifras, que devemos tomar com as devidas cautelas, mas que contudo são significativas, verão que o número absoluto mais elevado é fornecido pelos trabalhadores agrícolas. Trata-se de trabalhadores agrícolas especialmente da Emília, das camadas da pequena e média burguesia rural, que no primeiro período do fascismo constituíram sua principal base de massa.

Mas se vocês tomam os industriais, os comerciantes, os proprietários rurais, os estudantes (que aliás são filhos dos primeiros), os profissionais liberais, temos 67.000 inscritos, isto é, cerca da metade do número total. Depois temos 22.000 empregados e funcionários públicos; como vêem, um número bastante elevado. Temos 25.000 operários da indústria e marinheiros; é a cifra mais discutível. Tomando-a no entanto como verdadeira, vemos que, no total, em porcentagem, não são esses 25.000 que determinam o caráter do

Partido. O caráter do Partido é fornecido pelos 67.000 burgueses e pelos 22.000 empregados. *O Partido Fascista é um partido principalmente burguês, com fortes influências sobre os empregados e com ramificações na classe operária e entre os trabalhadores agrícolas.*

Esse era o caráter do Partido Fascista antes de chegar ao poder, quando ele ainda tinha o cunho original das massas da pequena e da média burguesia, quando ele ainda se colocava problemas com tendências revolucionárias, quando o programa inicial dos *fasci di combattimento* ainda não fora completamente abandonado, quando a transformação do Partido Fascista em tropa de assalto da burguesia ainda estava em via de realização.

Quando o Partido Fascista chega ao poder, propõe-se um duplo objetivo: o primeiro objetivo, que se põe gradualmente, não de um só golpe, é o da destruição de todos os outros partidos da burguesia italiana e de todos os partidos políticos em geral. Esse objetivo não é estabelecido desde o início, mas se precisa ao longo do desenvolvimento da ditadura fascista, ao longo da luta pela superação das dificuldades políticas e econômicas que a ela se apresentam.

O Partido Fascista começa por tentar estabelecer alianças com os outros partidos da burguesia italiana. Antes de tomar o poder, em 1921, o Partido Fascista se apresenta à massa eleitoral como aliado dos diferentes partidos políticos da burguesia. Mesmo depois de ter chegado ao poder, nas eleições de 1924, o Partido Fascista — embora as eleições tivessem se realizado à base de uma lei feita por um parlamento já submetido à dominação fascista — não apresenta uma lista integrada apenas por elementos fascistas, e sim uma lista que conta, ao lado dos fascistas, com os representantes de uma série de velhos partidos políticos da burguesia italiana, desde os velhos conservadores e mesmo os velhos liberais, até os giolittianos, até Giolitti, candidato, se não me engano, na mesma cédula que Mussolini.

Vejam qual é a atitude do Partido Fascista. Em 1921, embora interviesse nas eleições com outros partidos, tinha apenas 30 deputados. Em 1924 tem a grande maioria, os dois terços. Isto por meio da nova lei eleitoral, que dá os dois terços das cadeiras àqueles que obtêm a metade dos votos, e através da aliança com os velhos partidos liberais e conservadores da burguesia italiana. Nesse período, resta algo do velho método giolittiano na linha seguida em relação às outras formações políticas da burguesia italiana.

Mas o problema da destruição dos outros partidos políticos se apresenta imediatamente, em 1923, 1924, 1925. Em primeiro lugar, o Partido Fascista se lança contra os partidos que têm bases de massa semelhantes às originárias bases de massa do fascismo. Assim, ele ataca o Partido Popular antes do Partido Reformista e se lança

contra o Partido Reformista antes de se lançar contra o Partido Comunista. Por que? A luta contra o Partido Popular e contra o Partido Reformista é conduzida com maior furor do que contra nós, durante esse período, porque as bases de massa desses partidos eram análogas às originárias bases de massa do fascismo, envolviam camadas da pequena e média burguesia, camadas de camponeses, envolviam camadas que o fascismo queria ter em suas fileiras, para ser um partido de massa. Desenvolvia-se uma concorrência aguda para conquistar ou conservar essas massas, concorrência que se exprimia numa luta política particularmente intensa.

O programa da destruição dos outros partidos se amplia com as leis de 1925-1926, que punham na ilegalidade os velhos partidos políticos; mas elas levam também à ofensiva para a destruição daquela organização que antes da guerra era a única organização unitária da burguesia italiana, a maçonaria.

O fascismo ataca a maçonaria relativamente tarde: em 1925. Mas a luta foi extremamente rápida e chegou diretamente às últimas conseqüências. O Partido Fascista não podia tolerar a existência da maçonaria. Não podia tolerá-la a partir do momento em que ele tendia a tornar-se o único partido da burguesia italiana. Esse problema de tornar-se o partido único se colocava particularmente em 1925 e 1926. A partir daquele momento a maçonaria não é mais tolerada, soa a hora de sua morte. Todos os outros partidos políticos devem desaparecer.

O plano político do fascismo naquele momento se amplia. Chegamos assim ao segundo momento de sua evolução. Não basta agora apenas a destruição dos partidos que se opõem à ditadura aberta das frações mais reacionárias da burguesia. É preciso absorver os quadros desses partidos e realizar, inclusive do ponto de vista da organização, a unidade das classes dirigentes.

Vocês encontram um indicador dessa situação no material distribuído, à p. 25, onde podem ver quando são destruídos e absorvidos pelo Partido Fascista os velhos partidos políticos. Em 1920 e 1922, temos a maioria dos republicanos da Romagna e da Emília e os grupos mazzinianos²⁴ fora do Partido Republicano. Em maio de 1923, temos a fusão com o Partido Nacionalista. Essa fusão tem um duplo valor. Ela significa, por um lado, que os grupos mais reacionários da burguesia aceitam sem reservas a hegemonia do

24. Grupos que atuavam sob a inspiração das idéias de *Giuseppe Mazzini* (1808-1872), partidário do nacionalismo italiano e fundador do movimento *La Joven Italia*, com uma organização militar, em 1833. Mazzini foi grão-mestre da maçonaria e procurou organizar grupos republicanos que promovessem insurreições na Itália.

Partido Fascista, do ponto de vista da organização; mas, ao mesmo tempo, o Partido Fascista muda de rota. Naquele momento, vocês começam a encontrar no Partido Fascista modificações profundas. Pode-se dizer desses dois partidos o que se disse da Grécia e de Roma. O Partido Nacionalista era uma pequena coisa antes da fusão. Os nacionalistas tinham sido inclusive maltratados pelos fascistas em alguns locais, tinham sido conquistados. Mas depois tornam-se conquistadores.

Este é um fato da maior importância para conhecer o caráter da ditadura fascista. Não é por acaso que o legislador dessa ditadura foi Rocco, um nacionalista; não é por acaso que uma de suas maiores personalidades foi Bottai²⁵, também ele um nacionalista. Em todas as etapas travou-se uma luta entre fascistas e nacionalistas para a solução dos problemas fundamentais do Estado e do Partido. A solução desses problemas tem sempre uma substância que vem do Partido Nacionalista, a substância de sua solução é sempre claramente reacionária e burguesa.

O terceiro período é caracterizado pela dissolução das associações da democracia italiana: democracia nittiana, democracia liberal, radicais, democracia social, maçonaria de rito escocês, etc. Hoje vocês vêem que os representantes, os sobreviventes, dessas democracias italianas destroçadas, de todas essas democracias que existiam no período anterior à guerra, foram colocados nos postos dirigentes da economia italiana. O nome mais respeitável na economia italiana é o de Beneduce²⁶, dirigente de um desses partidos. Outros, como ele, ocupam postos decisivos na economia italiana.

Em 1923, temos a adesão ao Partido Fascista dos "maximalistas" da Gironda, à frente dos quais se achava Cesar Alessandri. Em agosto de 1924 é a vez do centro do Partido Popular, centro que sobrevivera e que, enquanto isso, não apenas se aproximara do fascismo, mas se tornara completamente fascista. Durante o verão de 1922 e em outubro de 1925 é a vez dos liberais de direita, que abarcam até Salandra, até a direita do partido de Giolitti. Temos

25. *Giuseppe Bottai* (1895-1959): um dos fundadores dos *Fasci di Combattimento*, em 1919, e deputado em 1921. Participou da Marcha sobre Roma. Dirigiu o diário *L'Epoca* e a revista quinzenal *Critica Fascista*. Foi Ministro das Corporações até 30 de junho de 1932 e Ministro da Educação de 1936 a 1943. Condenado à morte por Mussolini em 1943, exilou-se na Argélia, regressando à Itália posteriormente, como monarquista.

26. *Alberto Beneduce*: político que se transformou no principal diretor do *Istituto per la Ricostruzione Industriale* (IRI), criado em 1933 para dar sanção e assessorar o Estado nas intervenções em indústrias e bancos. O IRI foi uma organização que se voltou não para a substituição da iniciativa privada, mas para a eliminação de suas deficiências.

finalmente, em 1927, Rigola e companhia, que embora não tenham entrado para o Partido Fascista, de certa maneira aderiram a ele²⁷.

O que eu disse até agora mostra o processo de destruição das velhas organizações e a absorção dos velhos quadros. É nesse momento que o problema se torna agudo. É nesse momento que começam as crises do partido. Por quê?

Algumas palavras sobre as crises do Partido Fascista.

Elas têm origem especialmente nos contrastes no seio da pequena e da média burguesia italiana, que formavam a moldura das massas fascistas e tinham sido, na origem, opostas à instauração da ditadura aberta das frações mais reacionárias da burguesia.

Não se deve confundir as crises do fascismo italiano com as crises de outros movimentos, por exemplo, do fascismo alemão. Lá o descontentamento das camadas médias, dos desempregados, etc., ocupa uma parte bem maior. Entre nós, as crises não têm esse caráter. No Partido Fascista não havia então a massa operária.

Aqueles que se opõem ao partido são os chefes pequeno-burgueses dos *fasci* locais e a massa pequeno-burguesa do campo, que sentem a pressão da ditadura fascista de uma maneira intolerável. Daí o descontentamento, o rompimento, em todas as organizações locais do fascismo após a Marcha sobre Roma.

Vocês podem encontrar indicações a respeito num artigo do ex-camarada Pasquini, que examina as crises de 1925-1927.

Quem era, por exemplo, Forni? Um típico pequeno burguês enraivecido do após-guerra, pago pelos proprietários rurais, mas que se imaginava podendo ter uma grande importância na vida política italiana. Igualmente Sala, Misuri, etc. Em cada organização fascista há um certo tipo de chefe dissidente, que se opõe subrepticamente (*fa la fronda**), que tende a rebelar-se e que provoca crises.

Contudo, nem todos agem assim. Um grande número é absorvido pelo aparato do Estado, pelo aparato econômico da burguesia. Em 1923, os fascistas irrompem na lista dos Conselhos de Administração das grandes sociedades, especialmente daquelas que, como as de seguros, não têm funções decisivas de direção. Temos toda uma

série de escândalos famosos cuja origem deve ser buscada nessa irrupção dos fascistas que, através de roubos e trapaceas, tentam tornar-se capitalistas e ter uma função dirigente no domínio econômico. Isto é importante porque exprime de modo paradoxal a transformação do Partido Fascista em partido da grande burguesia italiana.

O fascismo tinha que acabar com o separatismo (*dissidentismo*), se quisesse resolver o problema de ser um partido unitário. É então que Mussolini fixa claramente essa tarefa: mudar os quadros do Partido Fascista. É então que Mussolini formula o conceito: o Partido Fascista não pode manter o poder conservando os quadros com os quais o conquistou.

Esse processo de luta contra os velhos quadros não foi fácil nem uniforme. Esses quadros estavam ligados a grupos, à massa. Apenas em 1927, se analisamos a composição da direção do Partido Fascista, é que vemos que os quadros mudaram. Não são mais os "dezenovistas"²⁸, e sim os proprietários rurais, os industriais, os estudantes filhos de capitalistas, etc., ou então o fascista que se tornou um dirigente no organismo econômico da burguesia. Em 1927, portanto, esse processo está quase inteiramente concluído. Mas inicialmente o problema fora muito grave e em torno dele se travara no Partido Fascista uma luta aguda. Do ponto de vista ideológico, essa luta se desenvolveu em torno do problema da função do partido; do ponto de vista da organização, sobre o problema de saber quem devia dirigir.

No primeiro problema, sobre a definição do Partido Fascista e sobre sua posição em relação ao Estado, o ponto mais interessante é que observamos aí, como conclusão do processo, uma concepção completamente diferente daquela que estava no ponto de partida.

Mussolini parte da concepção do Partido Fascista como *movimento*. Isto já significava que o partido devia ser dominante, devia abarcar tudo. A concepção originária de Mussolini era essa. Mas, no Congresso do Augusteo essa concepção fora abandonada.

Depois vocês podem ver claramente duas posições: o partido como elemento predominante, posição dos velhos quadros pequeno-burgueses, de Farinacci, e a outra posição, segundo a qual o partido devia estar subordinado ao Estado, sustentada pelos velhos elementos conservadores do Partido Nacionalista, por Federzoni e Rocco. De 1923 a 1932 há oscilações contínuas entre essas duas posições. Qual o ponto de chegada? Vocês o encontram no estatuto do Partido Nacional Fascista, que vocês lerão, não perdendo tempo nos detalhes, tais como a organização de uma *squadre*, mas detendo-se em sua importância política.

28. Adeptos do programa fascista de 1919 (Praça San Sepolcro).

27. Os "maximalistas" eram grupos partidários do "máximo de ação", da ação revolucionária direta e imediata. *Antonio Salandra* (1853-1931): político meridional (do sul) de direita, liberal-conservador. Presidente do Conselho de Ministros de 1914 a 1916, fez a Itália intervir na Primeira Guerra. Teria uma posição favorável ao fascismo emergente e, nos dias da Marcha sobre Roma, chegaria a entabular negociações visando à formação de um gabinete Mussolini-Salandra. *Rinaldo Rigola*: primeiro secretário-geral e antigo dirigente da CGL.

* A expressão *fare la fronda* diz respeito ao ato de participar de um movimento secreto mas tenaz de oposição. Do francês "Fronde": nome dado ao movimento anti-absolutista organizado em França no século XVII.

No artigo primeiro é dito que o P.N.F. é uma milícia civil a serviço do Estado. O que quer dizer isto? Quer dizer que, ao mesmo tempo em que se afirma, se nega a existência do partido, o partido não é mais um partido, é uma milícia. Além do mais, uma milícia a serviço do Estado. O que predomina, portanto, é o Estado.

Havia ocorrido entre o partido e o Estado lutas ásperas: o Estado era o prefeito, o Partido Fascista era o Secretário de Federação. Em 1923 essa luta desagregara todo o aparelho. O Secretário de Federação queria mandar no prefeito. Para atenuar essas crises seguiram-se vários caminhos, entre os quais a nomeação de prefeitos fascistas.

Nessa luta, o momento da crise mais aguda se situa em 1924 e em 1925. Naquele momento o fascismo chegou à beira da derrota. Em dado momento ele esteve a ponto de perder o poder. Observem como deve ele então modificar sua fórmula de organização. O processo de estatização deve ser interrompido. Voltam os velhos quadros. Em 1924, Farinacci salva o fascismo. Mussolini, em 1924, a partir do discurso proferido no Senado a 3 de janeiro, faz toda uma série de discursos, que não teriam servido para nada se não tivessem sido apoiados, em toda a Itália, pela ação desenvolvida por Farinacci com base na velha ideologia, com base no retorno às formas originárias do partido.

Vimos portanto como o Partido Fascista fez mudanças de fachada e como se colocou o problema das relações entre partido e Estado e o da organização da direção do Partido Fascista.

Um dos pontos críticos, como vimos, foi o ano de 1925. O fascismo foi salvo por Farinacci, pelos velhos quadros. Este é um detalhe que devemos observar, que não devemos esquecer. Se vocês prestam atenção, verão que, cada vez que o fascismo se encontra diante de uma situação política aguda, na qual existe uma tendência à ampliação dos movimentos de massa, imediatamente ele esboça manobras desse gênero.

Assim, em 1932-1933 se coloca o problema dos jovens, os movimentos de massa aumentam, bem como a influência do nosso Partido Comunista, e o fascismo apela para os velhos quadros.

Hoje, todavia, o problema dos quadros não se coloca mais para o Partido Fascista como em 1924. Ele não é mais tão perigoso. O Partido Fascista se reforçou e está firmemente ligado ao Estado. A velha ideologia pequeno-burguesa foi fundamentalmente liquidada. Hoje os velhos quadros em parte caíram, foram eliminados, aprisionados, exilados, manifestam-se às vezes como provocadores na emigração, mas não têm mais nenhuma função política, ou então podem ser utilizados pelo Partido Fascista. A discussão em torno da defi-

nição do partido e de suas relações com o Estado não é mais acirrada.

Hoje a fórmula admitida, aprovada em 1932, já representa relações de fato existentes no país, mas sua criação custou uma série de crises internas no Partido Fascista, uma série de contrastes, de eliminações de homens, de substituições de dirigentes (*cambi della guardia*), etc.

Pode-se dizer que essa transformação se completou em 1927. Os elementos decisivos da burguesia participam então da organização do Partido Fascista. Já existe no Partido Fascista uma grande massa de empregados, de funcionários públicos. Os operários, os trabalhadores agrícolas, encontram-se ainda em pequeníssima proporção. Essa é a situação em 1927.

Assim, o problema das relações entre o Partido Fascista e o Estado está para ser resolvido, caminha-se para sua solução. A ossatura interna do Partido Fascista se modifica.

O Partido Fascista deixa, em substância, de ser um partido. Vocês vêem aí o desenvolvimento dialético: de uma posição a outra ele muda lentamente, passando a um grau superior. O Partido Fascista deixou de ser um partido; não se discute mais nele.

Não existem mais discussões políticas. Quando o Partido Fascista faz uma mudança em sua política, seus membros a lêem nos jornais, como qualquer outro cidadão. Eles não participam em qualquer medida da determinação da política. Perdeu-se qualquer forma de democracia interna. Ele está organizado à base de um esquema burocrático, de cima.

Na cúpula há o Diretório, eleito pelo Grande Conselho do fascismo, que nem sequer é uma organização de partido, mas sim uma organização estatal, na qual se encontram representantes do partido, do Estado, das finanças, da indústria, etc. O Grande Conselho é a característica da organização dos grupos dirigentes da burguesia italiana ligados ao fascismo.

E daí que provém o poder do Diretório, do Diretório ele vai aos diretórios locais e destes, lentamente, chega até os chefes das formações fascistas de base.

Pode-se afirmar que a vida interna do Partido Fascista morreu. Formalmente, uma vez por ano há uma assembleia geral dos inscritos, que ouvem uma série de discursos solenes. Eles aprovam os atos do Diretório anterior e ratificam o novo. Mas é apenas uma ratificação, uma formalidade, que nada tem a ver com eleições de tipo democrático.

Seria contudo um erro acreditar que não há nenhuma vida interna no Partido Fascista. Por que? Porque entre os quadros do partido, sobretudo entre os quadros intermediários que se acham

em contato com a base, há elementos que não podem deixar de pensar, de julgar a situação. Eles se ressentem da influência das massas com as quais estão quotidianamente em contato.

É desses quadros que provêm as reações políticas. Por que meios, de que maneira? De uma maneira paradoxal. Essas reações só são vistas quando atingem seu ponto mais alto. Vejam por exemplo o caso de Arpinati²⁹, em Bolonha. O caso aparece somente quando o fascismo não pode mais tolerá-lo, quando esse grupo já se apresenta, frente ao fascismo, com um outro programa, diferente do programa oficial.

Esse processo é invisível. Ele é talvez mais visível nas organizações fascistas rurais, onde o descontentamento é maior, onde os *fasci* estão mais ligados à massa, onde a ajuda da polícia não é tão forte quanto na cidade. Isso explica o porquê do último grande fenômeno de separatismo na Emília, onde o descontentamento das massas é maior.

O último fenômeno é de 1933-1934, quando por um ano o fascismo teve de abrir exceção à regra geral de recrutamento. O recrutamento é feito através do alistamento (*leva*) fascista. Este é o caminho normal. Apenas em determinados momentos é que as portas do partido estão abertas. Hoje elas estão fechadas. Em 1933-1934, a inscrição foi aberta e se fez um grande esforço para levar os trabalhadores a aderirem.

Essa campanha teve algum resultado, não se pode negar. O número de inscritos aumentou em cerca de 700 a 800 mil. As inscrições de operários no Partido Fascista já se dão, como fenômeno isolado, em começo de 1932, na Fiat, por exemplo, e em algumas outras fábricas. Mas o grande salto dos inscritos se dá em 1935. Os inscritos, que no início do ano eram 1.099.000, no final do ano se tornam 1.850.000, aumentando assim em cerca de 800.000 membros, entre os quais, sem dúvida, há uma massa de operários.

Essa introdução de novas forças tem como consequência a acentuação das normas pela burocratização. A massa não deve falar. Mas ela teve e tem também uma outra consequência: a existência de determinadas formas de vida política à margem do Partido Fascista, que se fazem sentir mais no campo do que na cidade.

Chegamos ao fim do desenvolvimento. Diante de nós há um Partido Fascista com 1.800.000 membros, que abarca importantes

29. *Leandro Arpinati*: ex-anarquista, dirigente *squadrista* de Bolonha, subsecretário do Interior até sua expulsão do Partido Nacional Fascista em 1933, acusado por Achille Starace (secretário-geral do partido) de carecer de autêntico espírito fascista. Foi detido e preso em 1934 e é exemplo das lutas internas entre os fascistas mais importantes.

camadas da população italiana e toda a burguesia italiana. Não existe hoje qualquer outra organização política da burguesia italiana. Não existe, salvo raras exceções, um só burguês que não seja membro do Partido Fascista. As velhas formas políticas da burguesia estão definitivamente liquidadas.

Isto é para a burguesia um elemento de força. O partido perde o caráter de partido. Contudo unifica, em larga medida, a ideologia da burguesia italiana. E isso dá a esta um elemento de força. Não devemos esquecer isso; é de grande importância.

A burguesia italiana tem no Partido Fascista uma organização política de tipo novo, capaz de exercer a ditadura aberta sobre as classes trabalhadoras. Além disto, através de toda uma série de outros organismos e de vínculos, o Partido Fascista torna-se a organização que dá à burguesia italiana a possibilidade de exercer, a todo momento, uma pressão armada sobre as massas trabalhadoras. Com efeito, o Partido Fascista criou a seu lado uma milícia que também sofreu transformações, mas que, apesar de tudo, conservou o caráter de organização armada do partido. A milícia não são os *carabinieri*³⁰, não é o Exército, embora ela tenha tomado alguns traços dessas organizações. Mas através dela o partido controla amplas massas. A milícia é uma das bases principais da força da ditadura.

Também aí houve contradições. A milícia se formou e se desenvolveu através do desenvolvimento dessas contradições. Mas a ausência de vida política fez com que fosse difícil imprimir-lhe solidez, disciplina. E isto, como veremos adiante, nos oferece a possibilidade de efetuar aí um certo trabalho. Mas seria falso não ver também aí as contradições e não ver que o Partido Fascista representa um elemento de força.

A adesão ao Partido Fascista representa, no fundo, um laço, um laço ideológico maior ou menor, e um laço organizativo. Pode-se dizer, num certo sentido, que os trabalhadores que entraram no partido foram obrigados a vestir uma espécie de uniforme militar. Mesmo o soldado está descontente com a situação. Mas ele é soldado, tem um uniforme, se submete, obedece, e só pode revoltar-se em caso de crise revolucionária.

Somente através de um trabalho tenaz do nosso partido podemos cortar esses laços. É um erro supor que esses laços se cortarão por si mesmos. Uma parte da resistência que encontramos em nosso trabalho, na base, nas fábricas, deve-se talvez ao fato, entre

30. Os *carabinieri* são policiais que, armados de mosquetes, formam um corpo especial de soldados.

outros, de que nem sempre compreendemos como se deve cortar esse laço, de que não sabemos adaptar nossas palavras de ordem e limitar os objetivos para os trabalhadores que trazem essa espécie de uniforme, não sabemos compreender seu estado de espírito e o caminho pelo qual eles podem ser levados à luta.

É um elemento que devemos levar em conta na aplicação prática de nossa tática de exploração das possibilidades legais.

AS ORGANIZAÇÕES MILITARES E DE PROPAGANDA DO FASCISMO

Até agora falamos da formação e do desenvolvimento do Partido Fascista, descrevemos o tipo de organização, o caráter político da atividade do partido, tal como foi fixado, consolidado, após a promulgação do novo estatuto.

Assinalamos que o elemento característico é a ausência de qualquer forma de democracia interna, a ausência de debates, a ausência de uma verdadeira vida política. Vimos que sua característica é a de uma *milícia civil*, que não há qualquer elegibilidade para os cargos, que esta tem um caráter particularmente burocrático correspondente ao caráter da ditadura que liquidou as instituições democráticas e se apresentou como uma ditadura aberta. O caráter do Partido Fascista corresponde a esse caráter da ditadura: liquidação de qualquer forma de democracia.

Por isso é que a afirmação de Mussolini, copiada da de Lênin, de ter criado assim um partido de *novo tipo*, tem algo de justo. Esse elemento de liquidação de qualquer forma de democracia, de adaptação do partido às formas da ditadura, dá realmente um aspecto novo ao partido.

Deve-se sempre, contudo, levar em conta que as formas de organização desse partido não são uma coisa estável, mas formaram-se ao longo do desenvolvimento e não foram previstas por Mussolini.

A maneira como é organizado o Partido Fascista e a influência que ele exerce sobre a vida da nação têm como consequência imediata a transferência, para o seu interior, das lutas, das contradições inevitáveis, que em regime democrático se exprimiriam através da luta entre os diferentes partidos.

Hoje examinaremos uma série de organizações fascistas.

Pode o Partido Fascista, tal como está organizado atualmente, exercer um controle sobre toda a vida da nação e sobre todas as